

UNIDADE 4:
As cordas.
O mal uso da minha liberdade.
O PECADO



Neste passo é importante que os jovens reconheçam a transcendência da boa escolha.

Iremos acompanhá-los para aprofundar sobre a dificuldade de escolher o melhor para eles e como o pecado fere o coração.

Aprenderão a reconhecer essas feridas do amor e as ferramentas para poder preveni-las, que são a graça e as virtudes.

A boa notícia é que as feridas não são irreversíveis. Deus em seu Filho Jesus Cristo é o médico capaz de curar as feridas com a melhor medicina do amor.

Nesta unidade começaremos por analisar o que nos ocorre quando usamos mal nossa liberdade no âmbito da afetividade e da sexualidade. O que ocorre quando, no que se refere a nossa vida afetiva e a nossa sexualidade, usamos a liberdade para alcançar objetivos que não merece serem queridos?

Começamos por dar um passo para trás, ou melhor, para ter um pouco de perspectiva. perspectiva nos mostrará a ordem da Criação. Deus criou as coisas com uma ordem. Isso significa que servem para algo, que tem finalidade. Se se desordenam, já não servem. E se se usam para o que não servem, então se desordenam e estragam. Isso também acontece conosco. Não somos um caos. Temos uma ordem e também um objetivo, uma finalidade. E nossa afetividade e nossa sexualidade tem um protagonismo nessa ordem e nessa finalidade. Se as desordenamos e desenfocamos, então nos frustram, nos abortam. A frustração, o fracasso pessoal, é o resultado de nosso pecado.



Neste âmbito, como em tantos outros, necessitamos uma luz que nos guie, porque fomos feitos para amar, mas para amar bem.

Hoje a sociedade nos oferece modelos de amar que, em vez de iluminar-nos, nos cegam. A sexualidade acaba isolando-nos e a afetividade termina desgastando para se afundar, finalmente, no cinismo.

Mas se trata não só de ver o que podemos começar a fazer mal, mas o que podemos fazer bem. Se Deus criou e redimiu para amar, teve que nos indicar o caminho para iniciar a cumprir os anelos que inscreveu em nosso coração. Esses caminhos são o pudor, a salvaguarda da intimidade, e, sobretudo, as virtudes, especialmente a *virtude da castidade*. Nesta unidade, além de desmascarar os caminhos que podem secar nossa capacidade de amar, vamos explorar os caminhos pelo qual Deus quer que andemos para chegar a amar de verdade, em plenitude.

1. O valor e a ordem das coisas

“A terra estava informe e vazia” (Gên. 1,2).

- **Chamados a ordem a ao bem.** A Revelação nos mostra que a intenção de Deus está dirigida radicalmente ao nosso bem real. Ele tem um plano para cada um de nós, e quer que respondamos livremente ao seu chamado. Nesta ordem que Deus nos propõe e nos bens a que nós tendemos, nenhum mal moral tem a Deus como sua causa.
- **As coisas tem uma finalidade e as pessoas são chamadas a esse fim.** Em nosso processo de amadurecimento e integração, vamos descobrindo o sentido último das coisas que nos rodeiam, de nosso corpo, de nossa própria vida, etc. Neste sentido, também somos chamados a viver nossa afetividade e sexualidade ordenados a esse fim.
- **Viver desordenadamente ou desintegrados** em nossas dimensões pessoais termina por destruir-nos e nos danificam. Nesta situação, a liberdade perde a luz para a que se dirigia com segurança ao seu fim. Assim, a presença do fim deixa de ser transparente e fica envolvida na obscuridade do que não sabe reconhecê-la.
- **Viver uma liberdade escrava.** Se escolhermos a desobediência e o mal, estamos abusando ou fazendo mal uso da liberdade e nos conduz a “escravidão do pecado” (cfr. CCE, 1733).
- Quando a liberdade se percebe e se define só através de meros conteúdos extrínsecos (por condicionantes externos a pessoa como “quando alguém de impede de algo”, “a liberdade de outro”,...) e negativos, a pessoa chega a viver entregue as emoções, e termina escrava de seus próprios desejos superficiais. Esta concepção e mal uso da liberdade produz um profundo conflito entre as diversas dimensões da pessoa (FSV, 20).
- Contemplamos com frequência como os adolescentes ficam sozinhos, sem direção nem ajuda nas dimensões principais de sua existência. As vezes, entendendo a liberdade como o mero cumprimento de sua espontaneidade ficam desconcertados pela variedade de chamados e pressões que sofrem e que não sabem integrar. Se distanciam então, quase sem saber, do que verdadeiramente desejam e os faz crescer como pessoas (cfr. FSV, 27).
- **Como voltar a ordenar sua vida e descobrir seu sentido profundo?** Para ordená-los primeiro temos de entender aos adolescentes e entender o pecado no **plano de Deus.**

“Para tentar compreender o que é o pecado, é preciso em primeiro lugar reconhecer o vínculo profundo do homem de Deus, pois fora desta relação, o mal do pecado não é desmascarado em sua verdadeira identidade de rejeição e oposição a Deus” (CCE, 386). a relação com Deus que se rompe no pecado não é uma mera suposição, mas uma realidade que se percebe na relação pessoal. Essa relação pessoal requer estar “diante de Deus” que é essencial a toda pessoa.

- **Não vale a pena nossa própria luz.** Por nós mesmos não podemos reconhecer o pecado assim entendido, embora tenhamos consciência do mal quando o realizamos. A mera autoconsciência de nossas faltas e a culpa não é capaz de ver a origem última do pecado, na medida em que o pecado implica no mesmo despertar de uma consciência que remete a nossa condição de filhos de Deus, devedores de seu Amor.

2. O que me impede integrar minha sexualidade?

“Caem sobre o mal e não me conhecem ”
(Jr. 9,2)

- **Em primeiro lugar, hei de encontrar a luz verdadeira que ilumine minha vida,** minha pessoa, meu corpo, minha sexualidade. É a luz que dá sentido a todo meu ser e que me guia para minha plenitude pessoal.
- **Pelo contrário, a obscuridade não me permite integrar minha sexualidade** em todos os aspectos de minha vida, mas que me dissocia, me rebaixa a condição de objeto, em vez de continuar como pessoa.
- **Esta obscuridade forma parte de mim,** e também do mundo, que não conhece ou não querem conhecer a Luz, o pecado. Minha própria obscuridade, minha desordem, meu pecado impedem meu corpo e sua expressão são um meio capaz de amar e de dar, que enriquece toda minha pessoa. Meu corpo passa a converter-se em um meio que expressa e vive o egoísmo, deixando-me como uma pessoa ferida.
- **Esta obscuridade impede que vejamos bem e de forma completa a pessoa em sua totalidade:** nisto consiste a concupiscência. Nossa visão se transforma e se dirige de forma exclusiva aos valores sexuais da pessoa, e isto tem sua origem no pecado original.

- **Muitas vezes, a mesma sociedade oculta esta luz**, mostrando-nos modos de viver a sexualidade que não se correspondem com a verdade da pessoa e com o fim ao que é chamado. Em muitas de suas propostas, o calor da sexualidade se desvirtua e se reduz a uma mera genitalidade. Assim fica reduzido o meu valor como pessoa. Eu deixo de ser eu – pessoa -, para converter-me em um objeto. Passo de ser alguém para ser algo. Algo que se pode usar e deixar.
- Algumas destas propostas de palpável e presente atualidade são:
 - **Pansexualismo:** Reduz a sexualidade a genitalidade e o sexo a um puro objeto de consumo. Esta proposta entende que a dimensão sexual do ser humano carece de um significado pessoal, pelo que nada lhe impede de cair na valorização superficial das condutas a partir da mera utilidade ou a simples satisfação (cfr. VAH, 57).
 - **Hedonismo.** É a doutrina que proclama o prazer como fim supremo da vida. Só se busca acumular sensações prazerosas. O limite das aspirações se alarga indefinidamente, cada vez se necessita novas e maiores sensações.
 - **Tentativa de supressão do sentimento de pudor** (entendido como sentimento que leva a ocultar a desnudez do corpo ou o relacionado com a sexualidade, os sentimentos, pensamentos ou ações que se consideram íntimos, ou a evitar falar deles assim como o temor para perder sua dignidade). Entre as consequências desta supressão do pudor estão alguns atentados contra a dignidade da mulher, e em menor medida do homem, como é converter a pessoa em um puro objeto de prazer (“usar a pessoa”).
- **Falta de luz que leva a múltiplas rupturas.** Ao absolutizar uma tolerância sem limites e exacerbar uma liberdade de escolha sem sentido – sem referência a uma verdade nem a um fim que a dirija -, se produzem rupturas na construção da pessoa cujas consequências padecemos (cfr. FSV, 28):
 - **Ruptura entre amor e sexualidade.** A *sexualidade* passa a ser um modo de experimentar a satisfação de um desejo, e suas regras seriam as próprias de um jogo. O *amor* aparece então como algo alheio que, em alguns casos, se pode unir a sexualidade, mas que não a informa de dentro –no sentido filosófico de outorgar uma forma substancial a algo-. Seria necessário “*provar-se sexualmente*” antes de saber se pode amar de verdade a outra pessoa. Em todo caso, no caberia um amor sem condiciones (FSV, 31).

- **Ruptura entre amor e procriação.** Se reduz a procriação a uma mera reprodução biológica sem valor pessoal, uma função natural separada do sentido pessoal da sexualidade. A sexualidade se centra então na união físico afetiva, sem mais perspectiva de futuro. A mesma procriação, separada do amor sexual que a suporta, está nas mãos da própria escolha. De tal sexualidade sem procriação se entende muito bem uma procriação sem sexualidade. Inclusive ao reclamá-la como o direito de um casal para ter um filho como tal, pelo fato de desejá-lo vivamente (cfr. FSV, 30). A procriação já não se entende como um ato “procriador” em que um cônjuge se doa ao outro e ambos acolhem o dom do “único Criador” mas que eles “pretendem” ser os que escolhem, por um lado, o resultado da união sexual – ter ou não ter um filho -e, por outro a forma de obter ou produzi-lo.
- A procriação tem uma estrutura, radicalmente distinta da reprodução. A procriação torna possível que a eventual descendência se dê, por princípio em igualdade de dignidade com os pais, é dizer sim sem ser coisificada. O filho não é um produto da habilidade técnica, é um dom do amore, como tal há de ser desejado, o desejo não se converterá em uma vontade degradante do outro. Isto é de vital importância para a configuração de uma mentalidade hedonista. A “indústria” da produção de crianças se baseia em um postulado falso mais ou menos explícito: que os pais tem direito aos filhos. Mas os filhos são um dom que se recebe, não um produto que se instrui.
- **Luz que nos guia a entregar um amor inteiro: a castidade.** A essa virtude lhe compete a ordenação e integração dos desejos, a pulsão sexual e os afetos para dirigi-los ao bem da pessoa amada. É imprescindível para a adequada resposta da pessoa a vocação ao amor. Projeta a luz que, ao mover a liberdade a fazer da existência uma doação de amor, indica também o caminho que leva a uma plenitude de vida (VAH, 38). a castidade implica um aprendizagem do domínio de si, que é uma pedagogia da liberdade humana (SH, 18).

3. Porque o desamor me paralisa?

**“Pela dureza do vosso coração”
(Mt 19,8)**

- **Sou para amar.** Independentemente do que cada um faça em sua vida, todos temos uma mesma vocação: fomos chamados a amar e ser amados. Uma vez que descobrimos que esta vocação é a luz que pode guiar nossa vida, só a mesma tarefa de responder a este chamado. Não há outros atalhos para alcançar a felicidade.

- **O amor destituído.** Quando o amor não me abre aos outros, mas que me fecha em mim mesmo, não pode haver uma entrega de minha pessoa. Só viverei para mim. Minha vida guiará em torno desta ideia. Seria a entrega negativa do amor, um amor desordenado a si.
- **Algumas manifestações dessa desordem na vivência da sexualidade são:**
 - **O narcisismo,** como voltar a si. Quando se compreende a felicidade como um simples “sentir-se bem” consigo mesmo, se cai no erro de não medir o valor e sentido da sexualidade segundo a complementariedade e o crescimento pessoal na construção de uma vida compartilhada. É fácil ver como, deste modo, se perde a riqueza presente na diferença sexual. Além disso, a fecundidade deixa de ser significativa se o acento se põe exclusivamente na necessidade de pagar a todo custo os “desejos” e “satisfações” que podem experimentar-se. Se deixa de projetar essa riqueza nos outros objetivos espirituais ou culturais que, naturalmente, também enriquecem e dão sentido a pessoa (VAH, 37)
 - **El autoerotismo / a masturbação.** Geralmente acompanha o interior. A finalização do impulso sexual não leva a pessoa a uma saúde de si para ir ao encontro do outro, mas a simular a causa neurofisiológica que produz a descarga de tensão com um estímulo genital. Uma ação que não pode ter referência a realidade de uma excelência de plenitude em que se pode encontrar uma verdadeira campanha. Se trata de uma ação que não ordena a pessoa a uma plenitude de vida, mas que se fecha na sociedade. Atuando assim, se desvirtua o sentido humano da sexualidade, considerando o corpo como objeto de prazer e não como sujeito de amor que em seu mesmo dinamismo corporal está referindo a busca de uma comunhão.
- **Onde ponho meu amor?** Está nas coisas, nas pessoas, com que interesse? A luz que deve guiar minha vida sempre põe em foco nas pessoas as que posso amar mais e melhor, não nas coisas que podem comprar ou vender. Tão pouco é um foco que me resplandece de forma exclusiva e obsessiva. É uma luz que une, que busca a comunhão das pessoas, não que nos faz escravos “prendendo-nos” as coisas.
- **Quando acabo me dividindo?** Quando em minha visão sobre o “outro” separo pessoa e sexualidade; quando separo a sexualidade do amor; quando trato a pessoa como objeto e não como sujeito de relação. Deste modo, minha pessoa segue fragmentada. Em vez de ser o todo que vai crescendo, me converto em uma multitude de partes fragmentadas em que cada uma vai por um lado. Assim não posso viver o amor. Pouco a pouco vai resultando mais difícil poder amar, e termino fazendo muito dano: a mim e aos outros. Me divido e destruo.

- **Como evitar?** convêm ficar atentos as situações que levam a este amor desordenado a si mesmo: a tristeza, o fracasso, a solidão, a dificuldade de relacionar-se com os outros e de afrontar os desafios da vida. O jovem busca sair delas e encontra substituto fácil e complacente na experiência vazia em que se fortalece para evitar enfrentar-se com a realidade. Acaba por não saber como sair dela, por não encontrar os meios adequados. Quando se torna hábito na pessoa é preciso ensinar a lutar de forma muito indireta:
 - Fomentando aquelas atividades em que a pessoa pode encontrar uma satisfação nobre e humana, como as amizades sinceras que permitem sair de si mesmo e descobrir nele o gozo de amar aos outros e ser-lhes úteis.
 - Oferecendo elementos narrativos indiretos (determinadas leituras, filmes, obras de arte) que ajudam a recompor a imagem simbólica da sexualidade através da medição da afetividade.
- **Remédios para a falta de amor.** São uma resposta ao mal, uma luta pelo bem através de:
 - **A pureza.** Buscamos o fim verdadeiro de nossa existência, e neste caminho encontramos a pureza do coração como DOM. se a **pureza** é a virtude que nos dispõe a tratar “seu corpo com santidade e respeito” (1 Tes. 4, 3-5), a **piedade**, que é dom do Espírito Santo, parece servir de modo particular a pureza, sensibilizando-nos sobre a dignidade que é própria do corpo em virtude do mistério da criação e da redenção (CAH LVII, 2, 18-13-1981).
 - **O pudor e a intimidade.** O cuidado da própria dignidade. Experimento pudor ante as forças vitais que fracionam minha subjetividade, a coagem, perdendo o controle de minhas ações e reações. O fenômeno do pudor tende a proteger minha subjetividade, para que não leve a perder o controle do que acontece comigo. Assim, o pudor me ajuda a compreender minha própria subjetividade, graças ao autoconhecimento de mim mesmo e ao autodomínio que possuo.
- **A felicidade é a plenitude do amor na alma.** Para ser feliz e gozar plenamente do amor nesta terra – do amor humano e do Amor com maiúsculas – e para gozar plenamente do Amor de Deus no Céu tem que viver com plenitude a virtude da pureza de coração.
 - **A caridade** é a primeira virtude cristã, não a castidade: amor a Deus e ao próximo. A porta das outras virtudes é a fé: sem ela não se pode amar a Deus. Mas, a castidade é muito importante, porque se refere a sexualidade, que “concerne particularmente a afetividade, a capacidade de amar” (CCE, 2332). A castidade se ordena ao amor; e sem ela não se pode viver a caridade. É uma exigência da lei moral natural.

- **Bem aventurados os puros de coração** -disse o Senhor- **porque eles verão a Deus.** A castidade é uma exigência da dignidade do corpo humano, com o que devemos amar a Deus na terra: “Acaso não sabeis que vosso corpo é templo do Espírito Santo, que habita em vós e recebestes de Deus? E não os pertenceis” (1 Cor 6,19).
- **Um bom médico e um bom mestre.** Ante a enfermidade de não ser amado ou de não poder amar, talvez por não sentir-se amado, só nos fazem duas coisas: sarar minhas feridas e a dor do pecado por não ter amado, e aprender a amar. Por conseguinte, necessito um bom médico e um bom mestre.
 - Quando a dor que regenera do pecado, ou uma história de falta de amor vivida, me afeta, necessito ser curado e essa cura não depende de mim. Necessito a ajuda do outro e colocar tudo o que está em minhas mãos para colaborar. Necessito um médico que diagnostique perfeitamente minhas feridas de amor, se saiba curá-las com uma suavidade incomparável e que ponha um tratamento personalizado e adequado a cada ferida. Somente tenho que fazer os “exercícios de recuperação” que vejo fazer a quem ama verdadeiramente: a Cristo.
 - Jesus Cristo é também o bom mestre que pode nos mostrar o caminho para apreender a amar, precisamos tão somente nos aproximar-nos dEle e seguir-lhe. Ele me ajudará a superar todos os obstáculos que me impedem de amar, mudará as prioridades em minha vida e a orientará para que alcance uma vida em abundância.

4. Para esticar bem as cordas: as virtudes

”Tudo o que é verdadeiro, nobre, justo, puro, amável, louvável, tudo o que é virtude ou mérito, tende em conta.”
(Fl. 4,8)

- Pode o homem construir ações excelentes capazes de expressar e realizar o ideal de plenitude?
- **1.** O homem se encontra por natureza capacitado para realizar ações excelentes, mas não está preparado por natureza para elas. Para passar a “ter essa capacidade potencial de realizá-las” a “levá-las a cabo” é necessário que a afetividade da pessoa lhe mova nesse sentido. Necessita ter sido afetado por uma causa que lhe motive a ele. Previamente se requer que tenha uma disposição a dar esse passo, o que não é possível sem estar em um processo de construção de sua interioridade como sujeito moral.

- **2.** A unidade do sujeito é consequência da integração de suas dimensões e dinamismos pessoais na intenção de alcançar a comunhão oferecida. Graças a esta unidade podemos falar de uma “conduta” como tal, e não só de ações isoladas.
- **É possível voltar a ordenar minha pessoa? Como posso preparar-me para isso?** Claro que sim, para isso entramos em um fabuloso mundo das virtudes. As virtudes podem definir-se como estratégias do amor.
- **A diferença entre valor e virtude.** Podemos decidir que a verdade prática, a verdade sobre o bem não somente se vê, e se percebe (valor). Também se realiza (virtude) e na medida em que se realiza nos transforma e nos faz viver com uma maior coerência interna.
- As virtudes são disposições firmes e estáveis para fazer o bem, perfeições habituais da pessoa que aspira a uma plenitude de vida, a um modo excelente de viver e de atuar. Com todas suas forças sensíveis e espirituais, a pessoa virtuosa tende para o bem, o busca e o escolhe através de ações concretas (cfr. CCE, 1803).
- **As virtudes são nossas armas para sucumbir** ante as virtudes que se apresentam na vida, tentações que nos desviam de uma vida ordenada, atuando conforme ao bem e a verdade do que somos. São hábitos operacionais bons que nos dispõem a fazer o bem e nos capacitam para realizar ações excelentes, para assim alcançar o próprio fim. Não só nos permitem realizar atos bons, mas dar o melhor de nós mesmos. Com sua aquisição buscamos o bem com todas as forças sensíveis e o escolher através de ações concretas.
- **As virtudes são necessárias** porque temos que aprender a dirigir a vida que nos foi dada. Posto que a vida é algo recebido, nossa tarefa fundamental é aceitar o dom entregue e moderá-lo para a plenitude. Temos a necessidade das virtudes porque continuamos a vida que começa a graça de Deus nos outros, porque nos modelam na bondade, nos transformam segundo a beleza divina e nos aproximam a plenitude que fomos chamados a gozar.
- **As virtudes são necessárias para ter uma unidade em nossas atuações,** que nos permita governar nossa vida com acerto, criando ações excelentes. Deste modo, podemos crescer como pessoas, os princípios operativos se rearticulam de forma que nos permitiram construir e atualizar uma vida realizada naquelas ações que nos põe em relação com as pessoas que amamos. Neste contexto, a virtude da castidade lhe compete a integração dos dinamismos afetivos.

- **As virtudes são luzes que integram e ordenam os afetos.** A necessidade das virtudes se justifica por nossa capacidade de ser muitas coisas, além do que fomos chamados a ser somente uma. Segundo São Tomás, este consiste em ser amigos de Deus. As virtudes conferem uma direção específica a vida. Facilitam que passemos de fazer o bem esporadicamente a fazê-lo por determinação e inclusive com naturalidade, porque nos converte a nós mesmos em seres bons.
- Mas, por desgraça, também podemos viver tragicamente. Temos a opção de gastar mal a nossa vida e terminar de um modo lamentável. Só nos protege das más tendências o cultivo das boas. De alguma forma, todos temos uma inclinação a autossabotagem, pequenas maneiras de trabalhar contra a plenitude, modos sutis de alimentar o que nos acaba destruindo. Só o hábito permite que crescamos no bem.
- **As virtudes requerem um caminho de aprendizagem e entretenimento.** Cada um é responsável de buscá-las e exercitá-las para fazê-las próprias. A aquisição das virtudes não nos converte em uns repetidores mecânicos de determinadas atuações, mas em conhecedores verdadeiros do melhor em cada momento.
- Temos de cultivar as habilidades morais que nos capacitam para crescer no esplendor de nosso amor. Esta transfiguração necessita prática, compromisso e tempo, posto que seu fundamento está em entender que a plenitude humana requer chegar a ser muito mais do que já se é.
- Nós somos os que forjamos nossa vida. Temos a capacidade de crescer em bondade, mas não a segurança de que isso vai ser assim. Temos a capacidade de chegar a ser algo bonito, nobre e bom, mas é necessário dedicar nossas melhores energias para consegui-lo.
- **As virtudes nos transformam de um modo especial,** de acordo com a perfeição da vida em Deus. Nos convertem no que fomos chamados a ser, isto é, em ser amigos de Deus. Assim, são a ponte que une o que somos agora e o que fomos chamados a ser. Se no centro das virtudes nos transformam para Deus de forma mais íntima e profunda.
- As virtudes as classifica o Catecismo da Igreja Católica em humanas e morais e sobrenaturais ou teologais.

- **As virtudes humanas** (CCE, 1804-1811) são atitudes firmes, disposições estáveis, perfeições habituais do entendimento e da vontade que regulam nossos atos, ordenam nossas paixões e guiam nossa conduta segundo a razão e a fé. Proporcionam facilidade, domínio e gozo para levar uma vida moralmente boa. O homem virtuoso é o que pratica livremente o bem. As virtudes morais se adquirem mediante as forças humanas. São os frutos e os gémenes dos atos moralmente bons. Dispõe todas as potências do ser humano para harmonizar-se com o amor divino (CCE, 1804).
- **As virtudes cardeais são as morais**, denominadas “cardeais” porque desempenham um papel fundamental e todas as outras virtudes humanas se agrupam em torno delas. Nos aperfeiçoam em nossas tendências e nos permitem raciocinar e querer bem. Por isso afetam ao modo como reagimos ante os bens, tendemos para eles e os queremos. Nos abrem a via da excelência, porque introduzem uma ordem internacional em nossos afetos, fixado pela inteligência em razão dos bens inerentes das práticas. O importante não é sua atuação isolada, mas a união das diversas faculdades que cada virtude aperfeiçoa em ordem a um fim comum:
 - **Prudência**, é a virtude que dispõe a razão prática a discernir em toda circunstância nosso verdadeiro bem e a escolher os meios corretos para realizá-lo. Nos ajuda para saber o que tem que fazer. Utiliza o gênio para servir o amor. Não se confunde nem com a timidez ou o temor, nem com a duplicidade ou a dissimulação. Conduz a outras virtudes indicando-lhes regra e medida. É a prudência quem guia diretamente o juízo da consciência. O homem prudente decide e ordena sua conduta segundo esse juízo. Graças a esta virtude aplicamos sem erro os princípios morais aos casos particulares e superamos as dúvidas sobre o bem que devemos fazer e o mal que devemos evitar.
 - **Justiça**, é a virtude moral que consiste na constante e firme vontade de dar a Deus ao próximo o que recebeu. Por ela se realiza o que tem que fazer de forma adequada. A justiça para com Deus é chamada “a virtude da religião”. Para com os homens, a justiça dispõe a respeitar os direitos de cada um e a estabelecer nas relações humanas a harmonia que promove o equilíbrio respeito as pessoas e ao bem comum.
 - **Temperança**, modera a atração dos prazeres e procura o equilíbrio em uso dos bens criados. Assegura o domínio da vontade sobre os instintos e mantém os desejos nos limites da honestidade. A pessoa moderada orienta para o bem seus apetites sensíveis, guarda uma sã descrição e não se deixa arrastar “colocando as paixões em segundo plano no seu coração” (Eclesiástico 5,2; 37,27-31) esta virtude contempla as emoções, aumentando-as ou diminuindo-as. Não silencia emoções, mas as canaliza ao serviço da virtude, busca o equilíbrio emocional de nossa atuação.

- **Fortaleza**, é a virtude moral que assegura nas dificuldades a firmeza e a constância na busca do bem. Reafirma a resolução de resistir as tentações e de superar os obstáculos na vida moral. A virtude da fortaleza é capaz de vencer o temos, inclusive a morte, e de ser frente as provas e as perseguições.

Capacita para a renúncia e o sacrifício da própria vida por defender uma causa justa; por ela se persevera nos momentos de dificuldade na busca do que amamos e não queremos perder.

- **As virtudes teologais** (CCE, 1812-1844) se referem diretamente a Deus, de quem procedem. Nelas se enraízam as virtudes humanas. São a garantia da presença e a ação do Espírito Santo nas faculdades do ser humano. Três são as virtudes teologais: a fé, a esperança e a caridade (cfr. 1 Cor 13, 13):

- **FÉ.** A fé é a virtude teologal pela qual acreditamos em Deus e cremos em tudo o que Ele nos revelou e que a Santa Igreja nos propõe como objeto de fé.

Pela fé “o homem se entrega inteiro e livremente a Deus” (DV, 5). por isso o crente se esforça por conhecer e fazer a vontade de Deus. “O justo viverá pela fé” (Rom 1, 17). a fé viva “atua pelo amor” (Gal. 5,6).

O dom da fé permanece onde não há pecado contra ela. Mas, “a fé sem obras é morta” (Tiago 2,26): privada da esperança e da caridade, a fé não une plenamente o fiel a Cristo nem torna ele um membro vivo de seu corpo.

O discípulo de Cristo não deve somente guardar a fé e viver dela semas também professá-la, testemunhá-la com firmeza e difundi-la: “Todos [...] vivam preparados para confessar a Cristo ante os homens e a seguir-lhe pelo caminho da cruz em meio das perseguições que nunca faltam a Igreja” (LG, 42; cfr. DH, 14). O serviço e o testemunho da fé são requeridos para a salvação: “A quem se declare por mim ante os homens, eu também me declararei por ele ante meu Pai que está nos céus. E alguém me nega diante dos homens, eu também o negarei diante de meu Pai que está nos céus” (Mt 10, 32-33).

- **ESPERANÇA.** É a virtude teologal pela qual aspiramos ao Reino dos céus e a vida eterna como nossa felicidade, colocando nossa confiança nas promessas de Cristo e apoiando-nos não em nossas forças, mas nos auxílios da graça do Espírito Santo. Pela esperança desejamos e esperamos Deus com uma firme confiança na vida eterna e nas graças para merecê-la.

A virtude da esperança corresponde ao anelo de felicidade posto por Deus no coração de todo homem; assume as esperanças que inspiram as atividades dos homens; as purifica para ordená-las ao Reino dos céus; protege do desalento; detém em todo desfalecimento; dilata o coração na esperança da bem – aventura eterna. O impulso da esperança preserva do egoísmo que leva a alegria da caridade.

A esperança cristã recolhe e aperfeiçoa a esperança do povo escolhido que tem sua origem e seu modelo na esperança de Abraão nas promessas de Deus; esperança colocada em Isaac e purificada pelas provas do sacrifício (cfr. Gên. 17, 4-8; 22, 1-18).

- **CARIDADE/AMOR:** é a virtude teologal pela qual amamos a Deus sobre todas as coisas por Ele mesmo e a nosso próximo como a nós mesmos por amor de Deus. É eu “vínculo da unidade perfeita” (Col. 3, 14) e a forma de todas as virtudes; as articula e as ordena entre si; é fonte e término da prática cristã. Assegura e purifica nossa faculdade humana de amar. A eleva a perfeição sobrenatural do amor divino.

Se não tenho amor – disse São Paulo - “não seria nada”. E tudo o que é privilégio, serviço, virtude... se não tenho amor, “de nada me serviria” (1 Cor 13, 13). a caridade é superior a todas as virtudes. É a primeira das virtudes teologais: “Na palavra, ficam estas três: a fé, a esperança e o amor. A maior delas é o amor” (1 Cor 13,13).

A prática da vida moral animada pela caridade dá ao cristão a liberdade espiritual dos filhos de Deus. Estes não se apresentam ante Deus como um escravo, no temor servil, nem como o mercenário em busca de um jornal, mas como um fio que corresponde ao amor de que “nos amou primeiro” (1 João 4,19).

- **As virtudes são o modo de receber um DOM.** A razão pelo que as virtudes alcançam sua perfeição não é pelo próprio esforço, mas graças a recepção de um dom.
- **A rejeição do dom. Como entender o pecado?** Os pecados são atitudes ou ações concretas que me distanciam das pessoas que amo, de Deus e de mim mesmo. Em último término, o pecado rompe ou, a o menos, danifica minha relação pessoal com Deus. “O pecado é uma ofensa a Deus” (CCE, 1850). Não é que lhe 'danificamos'. Se o pecado é uma ofensa a Deus é porque é uma rejeição do “dom de si” divino. A ofensa consiste em não responder a este dom.

- Rejeitando o projeto de amor de Deus, nos enganamos a nós mesmos e nos tornamos escravos do pecado. (cfr. CCE, 1739).
 - São Tomás nos explica de um modo simples: “o pecado não é outra coisa que um ato humano mal”.
- **Que consequências tem o pecado?** Além de poder ter consequências negativas para outros, me colocam em uma existência medíocre, levando minha vida a uma profunda tristeza e falta de sentido.
- Produz dois danos que são inseparáveis: afeta a minha relação com Deus e danifica a mim mesmo.
- **Liberdade e pecado.** Nossa liberdade é frágil, pois é capaz de falhar. É uma liberdade finita que não tem seu próprio fundamento e é dirigida a um fim além de sua natureza. Aqui intervêm nossa vulnerabilidade afetiva, pela qual o mal pode entrar em minha intimidade. Mas esta débil liberdade humana se encontra abraçada, apoiada e guiada pelo dom divino da caridade.
- Afirma Santo Anselmo: “a potestade de pecar não é a liberdade nem é parte da liberdade, mas seja um sinal da liberdade”.
- **Que efeitos tem o pecado em minha liberdade?**
 - **Perda do controle:** o efeito fundamental é a perda da capacidade de dirigir toda minha vida para o fim último: é aqui onde a Escritura relaciona o pecado com a escravidão. A liberdade lhe falta o anelo de um destino e se concentra na eficácia do imediato; mas movida porém pelo desejo de um fim mais além de sua capacidade, o perigo da desesperança lhe agarra.
 - **Concupiscência.** A pessoa, ferida intimamente em sua capacidade de querer, já seja pela falta de uma ordem na origem, como pela debilidade em seu domínio, pode viver o impulso da ação a modo de resistência a reta ordem para o bem. É um desejo desordenado que pode me dominar.
 - **A falta de esperança.** Ao ficar longe de Deus se produz uma paralisia da ação, uma falta de motivação no que respeita ao fim último e a Deus. Isto me enfraquece no mais íntimo de meu trabalho e fico numa tristeza profunda que “leva a morte” (2 Cor 7, 10) porque pode ser a causa de um desespero radical.